

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Auto-retrato

Diz o espelho:

— O sr. Carlos Drummond de Andrade é um razoável prosador, que se julga bom poeta, no que se ilude. Como prosador, assinou algumas crônicas e alguns contos que revelam certo conhecimento das formas graciosas de expressão, certo humour e malícia. Como poeta, falta-lhe tudo isso e sobram-lhe os seguintes defeitos: é estropeado, anti-eufônico, desconceituoso, arbitrário, grotesco e tatibitate. O maior dos nossos críticos passados, presentes e futuros, o sr. Pontes, que tirou do próprio nome essa consistência de cimento armado, característica do seu estilo, incumbiu-se de lembrar-lhe todos os dias que ele não é poeta; que poeta, só B. Lopes e Theodore de Banville. Mas o sr. Drummond teima em não escutar a lição desse douto espírito, e a todo momento nos oferece mesquinhas produções poéticas, de que resultam cólicas e explosões nas pessoas de bom gosto, o sr. Pontes inclusive.

O sr. Drummond de Andrade passa por ser o autor de um poema (?) ou que melhor nome tenha, a que deu o título, “No meio do caminho”. Essa produção corre mundo e é considerada obra de gênio ora momento de estupidez. Na realidade não é nenhuma dessas coisas, nem pertence ao estro do sr. Drummond. Com efeito, quem se der ao trabalho de examinar-lhe o texto verificará que se trata tão somente da repetição oito vezes seguidas, dos substantivos “meio”, “caminho” e “pedra”, ligados por preposições, artigos e um verbo. Não há nisto poema algum, bom ou mau. Há apenas alguns vocábulos, que podem ser encontrados facilmente no “Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa”, revisto pelo sr. Aurélio Buarque de Holanda.

Esse pequeno fato literário fez despertar em alguns julgadores a suspeita de que se trata de um mistificador. Tem-se por vezes a impressão de que o sr. Drummond se diverte com o escândalo produzido por seus escritos, escândalo de que emergem as seguintes opiniões a seu respeito:

“Ê um burro”. “Ê um louco”. “Ê superior a Castro Alves e igual a Baudelaire”.

Alguns traços pessoais do referido escritor contribuem para aumentar essa dúvida. O sr. Drummond de Andrade é um indivíduo oculto, como certos sujeitos da oração, ausente mesmo, usa no trato social palavras poucas e frias. Não é visto no Amarelinho nem na livraria José Olympio. Uns acham-no tímido, outros convencido. Quando está caceado na presença de outro editor, costuma acariciar a orelha com a ponta dos dedos, à procura de um fio de cabelo, que arranca discretamente. Em geral não ri. Apenas uma vez foi visto a esboçar um leve sorriso, devido a uma pilhéria oral e mímica do sr. Marques Rebelo. Dizem que o romancista da “Estrela sobre” considera esse fato como um dos seus maiores triunfos.

No conjunto das exterioridades significativas do seu temperamento, há a assinalar que o sr. Drummond mais uma vez se contradiz, passando de escritor a homem prático. Se aquele é abstruso e não raro esotérico, este é funcionário em comissão, muito metódico e fiel aos preceitos burocráticos, que põe acima dos estéticos e dos políticos. Talvez ambicione com isso aproximar-se do inimitável diretor de secretaria que foi Machado de Assis.

Como servidor público, pode ser visto em seu gabinete à rua Álvaro Alvim, atendendo simultaneamente a três telefones, recebendo vinte pessoas e lavrando vertiginosamente despachos de “arquite-se”, “cumpra-se” e “não há verba”. Alguns prejudicados por esse último gênero de despacho insinuam que toda sua atividade é fictícia, e que os negócios públicos caminhariam da mesma maneira ou melhor se ele, em vez de trabalhar, fosse a uma sessão de cinema. Outro ponto a esclarecer.

Não há muita coisa interessante na vida do sr. Carlos Drummond de Andrade, embora ele pense ao contrário. Tem explorado largamente o fato de ter nascido em Itabira, cidade mineira do ferro, como se isto constituísse uma singularidade. Também já publicou que foi expulso pelos jesuítas de Friburgo e que não é bacharel de direito nem médico nem engenheiro; é gente apenas. Dir-se-ia alimentar, entre outros preconceitos, o anti-clerical e o anti-universitário, o que já deixou de ser uma originalidade.

Quanto aos seus críticos, dão extrema importância ao fato de ser ele um homem magro, no físico e na poesia, ao contrário (segundo os mesmos críticos), do sr. Augusto Frederico Schmidt, considerado gordo por dentro, isto é, literariamente, e por fora. Ê talvez uma nova teoria de crítica literária, que se ensaia no Brasil: a da balança de armazém, para pesar banhas, ossos, e letras. Se amanhã, com a velhice que chega, o sr.

Drummond engordar e o sr. Schmidt emagrecer, terá de ser revista a classificação de ambos.

Por último, e do ponto de vista dos meridianos literários, que o sr. Vianna Moog pôs novamente em moda, o sr. Drummond é um escritor do centro-sul, mas pouco fiel ao seu clan, pois vive de namoro com os escritores do norte. Será um mascarado? É pelo menos um sujeito esquisito.

(in *Leitura*, 7, Rio de Janeiro, jun. 1943)

